

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

SABER, CULTURA E PRÁTICAS AMBIENTAIS: SOCIABILIDADES INSCRITAS NO COTIDIANO
DAS MULHERES DA ILHA DE CARATATEUA NA FRONTE

Maria das Graças da Silva (UEPA)

Saber, Cultura e Práticas Ambientais: Sociabilidades Inscritas no Cotidiano das Mulheres da Ilha de Caratateua na Fronteira com a Cidade

Resumo: Trata-se de práticas e modos de vida inscritos por meio de saberes que orientam mulheres da Comunidade da Ilha de Caratateua nas suas relações com o território, com outras sensibilidades urbanas e com o Grupo do ISSAR e, que se configuram em ações coletivas no saber cuidar da casa e do ambiente cotidianamente, onde a cidade se configura como fronteira de seus processos sociais. Tem como objetivo apreender como esses saberes contribuem para a dinamização de processos e práticas educativas ambientais no contexto familiar e da própria comunidade, particularmente no que se referem às questões relacionadas à qualidade de vida e à saúde. Essas práticas educativas são analisadas a partir das representações e memória social de mulheres que participaram Programa Quarta Saudáveis no Cotidiano das Mulheres da Ilha de Caratateua, um projeto de extensão desenvolvido por professores da Universidade do Estado do Pará (UEPA) em articulação com O Instituto Saber Ser Amazônia Ribeirinha (ISSAR). Fundamenta-se teoricamente em autores que tem tratado da temática no debate atual. Enseja contribuir com reflexão e desenvolvimento de epistemologias sobre práticas educativas ambientais.

Saber, Cultura e Práticas Ambientais: Sociabilidades Inscritas no Cotidiano das Mulheres da Ilha de Caratateua na Fronteira com a Cidade.

Introdução

As reflexões acerca dos códigos culturais e saberes que orientam as práticas ambientais (cuidar da casa e do ambiente) de mulheres ribeirinhas da Ilha de Caratateua cujo modo de vida, relações com o território e sociabilidades atravessam a fronteira entre rio e cidade, têm como uma de suas bases de sustentação epistemológica, as idéias de Foucault (1991 apud LEFF, 2001, p.157), que define **saber** como o processo pelo qual o sujeito se encontra modificado pelo que conhece, ou melhor, pelo trabalho realizado para conhecer. É o que permite a modificação do sujeito e a construção do objeto. Enquanto que **conhecimento** é o processo que permite a multiplicação dos objetos cognoscíveis, o desenvolvimento de sua inteligibilidade, a compreensão de sua racionalidade, enquanto o sujeito que faz a pesquisa permanece sempre o mesmo. Portanto, toma-se como referência neste trabalho essa idéia do autor.

O saber-fazer subjacente no modo de vida e no **cuidar** (da casa e do ambiente) informam transversalmente crenças, valores e saberes que as mulheres, nas suas relações com o território, com outras formas de sociabilidades e com o grupo do ISSAR, têm construído e que orientam suas práticas sociais cotidianamente. Por meio desse saber-fazer elas não só interagem, mas contribuem para a dinamização de processos socioculturais no contexto familiar e da própria comunidade, particularmente, no que se refere à questões relacionadas à qualidade de vida e do ambiente por meio de ações coletivas que potencializam suas relações com a cidade.

No corpo deste trabalho a categoria saber assume um significado para além da educação formal, incorpora práticas cotidianas, formação de valores e o campo ambiental. Portanto, focaliza uma perspectiva ampla ao inscrever a dimensão da “educação para sociedades sustentáveis” e relaciona a constituição de um campo da educação ambiental, por entender que “a educação ambiental não deixa de integrar um mesmo processo educativo, ou seja, possui os mesmos princípios, objetivos e bases conceituais com se preocupa uma educação comprometida com a sustentabilidade” (TRISTÃO, 2004, 65).

Na fronteira entre rio e cidade: a construção e/ou articulação de saberes

Na interação com atores sociais urbanos, no caso, com alunos e professores universitários, as mulheres da Ilha de Caratateua evocam seus contextos socioculturais para contruírem outros saberes sobre o seu ambiente, orientando-se por sentidos que atribuem às suas práticas cotidianas e por preocupações com as conseqüências para seus modos de vida advindas de condições ambientais adversas. Ao se voltarem para seus territórios suas práticas cotidianas tornam-se densas de significados e de referências culturais, incorporam princípios e valores da educação para sociedades sustentáveis e se aproximam dos quatros alicerces resultantes dos trabalhos da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (DELORS, 1996, p.6-11), tais sejam: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender ser.*

O diálogo entre esses saberes tem despertado prazer nas mulheres para quererem continuar a aprender, como indica o depoimento de uma das mulheres: “o que vier de ensinamento né?! É sempre bem vindo. A gente conversa comenta, eu sempre falo. Eu queria até que o meu marido viesse. Eu falo, olha o ISSAR é legal! (M2, mar.2006)”. E, ao mesmo tempo, contribuído para fortalecer práticas e saberes locais acerca de sua realidade, ou seja, elas modificam sua percepção ou conduta em relação ao cuidar da casa e do ambiente pelo que sabem e também pelo que passam a conhecer. Constroem o cuidado com o ambiente, como uma representação de condições mais saudáveis de vida.

Os significados diferenciados subjacentes na ação social de atores urbanos e ribeirinhos embora os tornem reconhecível ou se auto-denominem como sendo do interior e ou da cidade, acabam tornando-se estruturante de formas de interação entre esses atores portadores de saberes cujos significados que assumem dão caráter plural aos códigos culturais, o que reforça a idéia de que as culturas não são construídas a partir de um “interesse utilitário” racional (SAHLINS, 1979).

Na Ilha de Caratateua embora o rio e a floresta configurem-se como a base natural sobre a qual se erguem modos de vida, práticas e sociabilidades de grupos sociais, entre eles, o das mulheres, há um vínculo com a cidade, que é tecido cotidianamente e que está subjacente no prático e no significativo naquele território.

A experiência prática e simbólica desse grupo de mulheres têm sua dinâmica sustentada pelo diálogo entre a lógica do mercado representado por formas de consumo dos grupos e pela moldura e substância que são fornecidos pela natureza, por isso o rio e a floresta nas suas representações têm sido ...:

Associado à idéia de habitat, de casa onde mora o conjunto da espécie humana. A associação da natureza à idéia de morada humana nos ajuda a entender o meio ambiente como um espaço comum, habitado por distintos indivíduos, grupos sociais e culturas (ACSERLALD, 1992, p.20).

Em razão da proximidade física do contexto urbano, do compartilhamento e das influências recíprocas, tramas, relações e processos tecidos no cotidiano são pintados por múltiplos tons, matizados pelos saberes e fazeres das mulheres. Esses saberes e fazeres são dinamizados quer pelo trabalho que desenvolvem para conhecer, como, por exemplo, participar das atividades do ISSAR, ou decorrem daqueles “já conhecidos ancestralmente, de geração em geração, cujas práticas são corrigidas por conta de tais aquisições, formando novas representações, construindo novos saberes e fazeres (...)” (TEIXEIRA e CORRÊA, 2003, p. 173).

O saber cuidar das mulheres de Caratateua incorpora práticas e representações territoriais locais e urbanas, e orienta o aprender a fazer, ou seja, a construção de habilidades e novas atitudes frente à situações socioambientais, incorporação no trabalho coletivo, em práticas que exercite a solidariedade em prol de uma ambiente saudável. Contudo, é preciso ter claro que

o sentido das ações dita educativas sobre as dimensões ambientais da vida social pode variar substancialmente conforme a concepção que se dê às práticas educativas quando remetidas à problemática do meio ambiente. Pois, são diversas as possibilidades de apropriação da noção de ‘educação ambiental’, conforme os contextos históricos, os sujeitos das propostas educativas e os atores sociais do embate entre formas sociais distintas de apropriação e uso de recursos “territorializados”(SILVA, 2002, p. 2).

Nessa perspectiva, este saber insere-se com uma dimensão do saber ambiental (LEFF, 2001), ainda que circunscrito à esfera local. O saber ambiental na perspectiva do autor configura-se como o conjunto de paradigmas de conhecimentos, disciplinas científicas, formações ideológicas, sistemas de valores, crenças, conhecimentos e práticas produtivas sobre os diferentes processos e elementos – naturais e sociais – que constituem o ambiente, suas relações e seus potenciais.

Mesmo admitindo-se que este saber ainda não é suficiente para que o grupo de mulheres envolvidas no projeto “quarta saudáveis” questionem a racionalidade dominante que a cidade espelha, tem dado conta de uma série de problemas sociais associados à questão das injustiças sociais e ambientais. Abriu caminho para o querer participar, para o querer aprender mais, por meio da articulação com outros sujeitos sociais que carregam em suas experiências

códigos culturais da cidade, no caso os atores que fazem parte da equipe do ISSAR e/ou da Universidade.

Depois que eu vim pra cá pro ISSAR a gente fica aprendendo. O meio-ambiente eu já aprendi aqui no ISSAR, como cuidar do meio ambiente (M1, março, 2006).

Mudou. Passei a ter mais cuidado, né? Antes eu deixava acumular o lixo. Agora não, eu não deixo mais acumular. Porque aprendi muitas coisas aqui no ISSAR e que deve ser mudado. Sempre tem que ter o cuidado melhor com a saúde. Acho que por isso que mudou (M4, março, 2006).

Embora dialogando com referências culturais urbanas, o saber cuidar (da casa e do ambiente) não se constituiu de forma externa ao contexto em que se inserem as mulheres, mas referenciado nas suas problemáticas socioambientais e culturais, ele está sempre associado às suas representações cotidianas. Ele inscreve-se nas questões práticas que estão presentes no seu cotidiano, definido aqui “como uma perspectiva que nos permite ver a sociedade a nível dos indivíduos” (PAIS, 2002, p.131), e nas relações que estabelecem com a cidade, orienta a construção de outras formas de percepção e de outros valores que tem produzido mudanças nas suas formas de interação não só com o ambiente, mas entre si e compreensão da realidade social em que estão inseridas e de suas problemáticas.

Ao usar a noção “saber cuidar” para referir o saber construído pelas mulheres no seu cotidiano doméstico e por meio da sua participação no projeto “quarta saudáveis”, a idéia não é estabelecer diferenças entre aqueles que pensam e produzem um conhecimento ambiental cuja elaboração é objeto de estudo e pesquisas de especialista desse campo, conforme a diferença indicada por Foucault (1991 apud LEFF, 2001) entre saber e um conhecimento.

As mulheres participantes da “quartas saudáveis”, tais como as mulheres em geral, ainda vivem numa sociedade em que a divisão sexual do trabalho continua lhes atribuindo o grosso das tarefas ligadas à família, ao contexto doméstico e à reprodução.

Contudo, essas mulheres, não só, mas, principalmente, pela sua participação no projeto do ISSAR, não podem ser vistas apenas como executoras das tarefas do lar, mas como alguém que pensa, avalia o contexto no qual se insere. Ainda que essa posição esteja submetida a limites e possibilidades pessoais, elas indicam uma preocupação com os “males” da cidade, com a qualidade do ambiente e com a saúde da família, conseqüentemente, com a qualidade de vida.

Porque se você não tiver um ambiente saudável como é que você vai ter saúde? Não é verdade? O ambiente tem que ser muito saudável, limpinho. Importa na sua saúde. Porque tem muitas coisas no ar, né? Bactérias. Então eu acho importante cuidar do ambiente (M9, março de 2006).

(Silêncio) Eu gostaria que as pessoas tivessem essa consciência, né? Todos pensassem em não deixar o lixo acumulado, não jogar nem um lixo no chão, não jogar nada no rio, principalmente nós que é rodeado de água que a gente precisa (M13, março de 2006).

A noção de qualidade de vida está representada nesses depoimentos quando as mulheres indicam ou reconhecem a necessidade de manter a “casa saudável”, o “ambiente saudável”, limpo por meio de cuidados e práticas que muitas vezes extrapolam o ambiente doméstico e envolvem o coletivo, principalmente, quando elas referem-se ao acondicionamento do lixo, cujo depósito para alguns é o próprio rio cujo uso e formas de acesso pela comunidade local é múltiplo e diverso.

Quando questionadas sobre “o que consideram importante para manter a casa saudável”. O saudável, na maioria dos discursos, está representado pela idéia de limpeza.

Como assim? Ah, eu acho que a limpeza pra mim é a principal. A limpeza da casa pra mim eu acho que todo dia tem que fazer a limpeza da casa. Porque melhora tudo, até o calor, a poeira (M14, março de 2006).

O meu quintal limpo, porque se o quintal não tiver limpo a casa também não pára limpa (M6, março de 2006).

A limpeza. Pra mim, se não tiver limpeza ... Meu defeito é o excesso de limpeza. Porque lá em casa eu to toda hora limpando, varrendo a cãs. Mas é porque eu gosto de vê as coisas tudo limpinha, eu não gosto de ver nada sujo. Pra mim a limpeza é importante (M1, março de 2006)

A limpeza na percepção da maioria das mulheres constitui fator importante para “manter a casa saudável”, e, portanto, para a melhoria da qualidade da saúde do grupo familiar. Outros indicadores também foram ressaltados como fator relevante, conforme é possível observar nos discursos seguintes: “uma casa muito bem arejada” (M4, mar. 2006); “Ah! Higiene né! Higiene da casa, a comida bem cozida. Eu tenho muito cuidado com a roupa. É mais com a roupa e a comida” (M5, mar. 2006); ou ainda

Primeiro lugar é estar sempre aberta, conservar sempre limpinha e acredito que isso já é um bom começo pra gente, né? Por deixar a cãs sempre fechada não é bom. Então esses são alguns fatores que acho importante para não contribuir com a doença (M10, mar. 2006)

Podemos associar o termo saudável à noção de qualidade de vida, cuja centralidade nos debates referentes ao planejamento e gestão ambiental tem sido ressaltada. Leff (2001, p.147) considera que a ênfase nos aspectos qualitativos das condições de vida representa a percepção da degradação do bem-estar gerado pela crescente produção de mercadorias, a deterioração dos bens naturais comuns e dos serviços públicos básicos, e parece que a cidade, mais que o mundo urbano tem sido palco desses processos de deteriorização das condições de vida e do ambiente.

Eu limpo às vezes que o carro do lixo não vai passar lá. A gente pega o lixo do pessoal todinho pra rua, ai a gente faz mutirão e limpa a rua. Esse carro [refere-se ao carro coletor de lixo] começou a passar esse ano, que teve mudança de governo. Nunca passava. Antes agente carregava o lixo lá pra rua (M6, março de 2006).

Controlar esse pessoal todinho. Eles não se controlam, a rua é só imundície. Aqui perto tem uma parada que é uma 'produra' só. E, ainda tem uma lanchonete por perto. Como é que esse pessoal consegue comer perto daquele lixeiro? Queria uma maneira de educar melhor essas pessoas (M7, março de 2006).

Dessa forma, a questão da qualidade de vida ao problematizar a homogeneização de meios massificados para produzir e satisfazer necessidades de diferentes culturas e suas relações com o ambiente tem revelado o quanto práticas alternativas relacionadas aos modos de vidas ditos tradicionais (medicina, as práticas alimentares, tipo de habitação) que são orientadas de acordo com a cultura e os meios locais têm sido atingidas pelos processos de massificação de produção e consumo (LEFF, 2001).

Este autor chama a atenção para um fato importante na análise da qualidade de vida, que é “a percepção do sujeito de suas condições de existência”. Nem sempre os grupos sociais têm consciência das condições “objetivas” de seus ambientes, independente do domínio da vida social em que estão inseridos. No entanto, quando eles conseguem não só perceber como internalizar condições ambientais adversas, tem sido freqüente a promoção de mecanismos de adaptação ou de mobilização social em prol de novas condições que atendam as demandas e assegurem qualidade saudável dos ambientes. O grupo de mulheres que participa do ISSAR, em sua maioria expressa ou indica preocupações com as perdas da qualidade do ambiente.

A gente tem mania de reclamar do lixeiro, mas, tem horário certo dele passar. Aqui em Itaiteua a gente vê que o pessoal queima o mato adoidado, aí a gente passa vem aquela fumaça, aquela escuridão. (...). O que eu vejo assim, consideração do meio ambiente o pessoal não ta nem aí, né. Tá desmatando todinho. Aqui tinha tantas frutas. Hoje em dia nem têm. Eles

estão cortando, cortando mesmo. Tinta tanto uxi aqui, eles tiram a casca, botam no sol pra vender pra indústria do remédio. Gente tirando, matando ... e o rio né? Antigamente, nesse rio se pegava peixe, pegava camarão, aí essas indústrias estão tudo espantando os bichos. Essas indústrias trabalham até de noite. À noite a gente escuta o barulho delas lá, a gente não consegue dormir mais. Aquele momento que a gente tem para dormir não consegue mais. É muito barulho mesmo. Aí quer dizer, a gente imagina os bichos escutando aquele barulho todo e vão tudo embora né (M8, março de 2006).

Este depoimento mostra a tensão que existe entre aqueles que conseguem perceber as condições objetivas dos ambientes e o comprometimento das condições de vida e de habitabilidade e os que por meio de ações e atos colocam em risco não só a saúde, mas também o potencial produtivo dos ecossistemas locais.

Percebe-se também que esses processos que incidem tanto sobre o ambiente físico como o social, refletem o domínio e a exclusão que a racionalidade econômica promove, representada, neste caso, pelas indústrias que atuam na Ilha cuja lógica do lucro e do mercado lhe dão sustentação. Elas contribuem para a perda da biodiversidade, para a degradação socioambiental e a deteriorização da qualidade de vida local.

Essa percepção só é possível quando aprendemos a compreender a natureza, seus ciclos, fluxos e refluxos, o que é bem diferente de “controlar a natureza” (PRIGOGINE, 1996). Nessa perspectiva, saber cuidar de certa forma está relacionado com a compreensão da dinâmica e dos processos socioambientais, seja por meio da dinâmica do rio e da floresta, seja nos diferentes processos que revelam e aproximam do urbano.

A casa evidencia a especificidade microlocalizada do ambiente, e nela os limites e as possibilidades de iniciar uma prática social voltada para a ampliação da compreensão acerca das questões ambientais. Contudo, tal como revelado nos discursos acerca da preocupação em manter a casa saudável a internalização da dimensão ambiental ainda não aparece de forma explícita.

No entanto, se consideramos que a melhoria da qualidade do ambiente inclui preocupações desde a escala microlocalizadas até a esfera global. As atitudes empreendidas pelas mulheres podem ser consideradas como alternativas pontuais nessa direção.

Uma das preocupações da pesquisa era identificar a contribuição do projeto “quartas saudáveis”. Nessa direção foi perguntado para as mulheres que **mudanças** ocorreram na maneira de cuidar da sua casa, após a sua participação nesse projeto. Para compreender o sentido das mudanças buscamos identificar as representações contidas nos seus discursos.

Dessa forma, foi possível identificar três manifestações discursivas que revelam o sentido ou não de mudanças: adquiriu conhecimentos; não mudou e pouca coisa.

Na primeira manifestação inclui-se aquelas mulheres que reconheceram que a sua participação no projeto contribuiu para obter “conhecimento, né?! Aprendizado, atitude de freqüentar o ISSAR se tornou um hábito” (M2, mar. de 2006); “Mudou. O conhecimento que você adquiri, você já passa a lidar de uma outra forma. Aqui, passa de uma outra maneira. Agora eu levo uma coisa pra ela ler [refer-se a irmã]”(M9, mar. de 2006); “Mudou bastante. A limpeza, toda uma higiene na hora de preparar a alimentação. No alimento lavar as coisas. Antes fazia de qualquer jeito, agora não. Mudou, porque aprendi como cuidar das coisas” (M11, mar. de 2006).

Na segunda manifestação estão aquelas que não admitiram qualquer mudança. Neste grupo, representado por, aproximadamente 25% das mulheres entrevistadas, as expressões que aparecem indicam afirmação negativa: “não”; nula: “nenhuma” ou sem influência: “da mesma maneira”.

Na terceira manifestação alguns discursos indicam que as mudanças ainda são poucas, o que pode ser um indicativo da necessidade de continuar o processo educativo e fortalecer o saber aprender. Ainda assim, reconhecem a contribuição do pouco que mudaram, conforme podemos perceber nos depoimentos: “Essa pouca coisa que eu acho que mudou foi em relação à alimentação. Me preocupa a cozinhar bem, cuidar mais dos alimentos, a lavar mais, não deixar exposto, a cuidar mais” (M4, mar.2006); “Às vezes eu mudo várias coisas na arrumação da casa” (M6, mar. de 2006).

Essas representações de mudanças enfatizam a dimensão *aprender fazer* ao adquirirem habilidades para não só facilitar o seu trabalho doméstico como para saber cuidar de maneira mais saudável os alimentos; estímulo e criatividade no limpar e arrumar a casa, considerada como um ambiente de múltiplos espaços vividos e articulados entre si que possuem significados simbólicos no imaginário do grupo familiar.

Ambiente como razão social: o desafio para manter saudável

O ambiente enquanto categoria sociológica refere-se a uma racionalidade social e aponta para a complexidade do mundo; e indica a necessidade de “um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza (...)” (LEFF, 2001, p.17); portanto, está para além do meio que circunda as espécies e as populações biológicas.

Neste sentido, a casa, o quintal são espaços onde o saber das mulheres sobre seus ambientes configura a sua objetivação prática, e os problemas que extrapolam o espaço familiar, mas que comportam temáticas ambientais, ao serem identificados pelo grupo que participa das “quartas saudáveis”, indica a existência de diferentes representações, percepções e práticas no campo ambiental.

Algumas dessas diferenças estão presentes nas formações discursivas elaboradas pelas mulheres quando questionadas acerca do que é importante para “manter o meio ambiente saudável”. Os discursos inscrevem-se nos seus contextos locais e dão conta de uma pluralidade de diferentes leituras e tendências. Entendendo o contexto na perspectiva dos indivíduos, ou seja, como “referentes aos elementos do meio social relevantes para os indivíduos” (PAIS, 2002, p. 124), e que por isso dão sustentação às suas representações sociais.

Segundo a percepção das mulheres entrevistadas e a partir da dinâmica da comunidade (contexto prático) vários fatores foram indicados como agressivos ao ambiente, apontando atitudes vistas como necessárias para mantê-lo “saudável”. Desde motivação estética até a instrumental: “Limpar bem a casa. Procurar coletar o lixo direitinho” (M4, março de 2006); “Ah, tudo né? Não cortar as árvores, a mata. Plantar mais. Eu gosto muito de plantas. Ainda mais agora nesse tempo agora, né. É muito bom” (M1, março de 2006), ou ainda:

Meio ambiente? Eu acho assim, nós estamos vivendo muito na poluição. Eu acho que pra manter, eu acho que nós temos que... Começamos com nós mesmos né. Manter limpo. Saber os dias que o lixeiro passa. Eu acho que manter o ambiente limpo é culpa nossa. Permanecer no sujo, se nós mesmos sujamos. Nós somos o culpado do ambiente ta sujo né. O ambiente e o mundo em geral é a gente mesmo que polui” (M15, março de 2006).

Estes depoimentos indicam mais que uma intervenção discursiva, porque inscrevem o desejo das mulheres de manter as áreas próximas aos seus locais de moradia limpas e esteticamente bem cuidadas, arborizadas e não como depósito de lixo a céu aberto. Do ponto de vista instrumental, elas começam também a pressionar outros indivíduos da comunidade para mudarem de atitudes em relação aos seus ambientes.

A gente muda. Muita coisa a gente muda. Por exemplo, hoje se alguém joga um papel no chão tu não vai gostar né? Então, eu às vezes, o pessoal vai e joga um 'negócio' de pipoca. Eu falo: 'tá vendo aquela sacola ali ? Então junte e ponha lá!'. Dentro da vala fica dessa altura só de caroço de açaí que o pessoal joga e, eu peço tanto pra não jogarem por causa das formigas. Dá tanta formiga, tanta formiga, que tu precisa ver só. Às vezes dá raiva desse pessoal (M7, março de 2006).

Acho que o povo tem que se conscientizar melhor. Não tem que ficar jogando lixo na rua, nas calçadas (M3, março de 2006)

Percebe-se pelos depoimentos que muitos moradores das Ilhas demonstram falta de condições cognitivas para fazer uma reflexão acerca da problemática ambiental na qual estão envolvidos, quer direta ou indiretamente. A percepção da maioria acerca do seu ambiente ainda é superficial. Imaginando-se de forma externa a ele de acordo com o pensamento predominante que dicotomiza sociedade natureza, cultura natureza, sujeito objeto, concebe apenas como espaço de produção ou depósito de seus resíduos.

Ao considerarmos as experiências de organização social e política de grupos sociais locais, tendo como experiência pioneira o movimento de resistência dos seringueiros no Estado do Acre e protagonista Chico Mendes, é possível inferir que, por meio de diferentes maneiras, as pessoas mesmo com pouca educação formal podem construir saberes sobre questões ambientais para além de seus contextos específicos e chegar a uma compreensão a respeito delas.

Neste sentido, a presença do ISSAR configura-se como um espaço de não só de construção, mas, também, de troca de saberes na medida em que há indicações das mulheres de mudanças de valores e percepção da realidade a partir de sua participação em atividades promovidas pelo Instituto. Elas demonstram que a partir das informações recebidas mudaram diversas maneiras de relacionar com o seu ambiente, incluindo a manutenção de suas casas como parte integrante desse ambiente.

Vários são os argumentos que fundamentam essas mudanças, a maioria relacionado às particularidades dos seus contextos individuais.

Mudei. Passei a ter mais cuidado, né. Antes eu deixava acumular o lixo. Agora não, eu não deixo mais acumular. Porque eu aprendi muitas coisas aqui no iSSAR e que deve ser mudado. Sempre tem que ter cuidado melhor com o ambiente. Tem que priorizar a saúde. Acho que por isso mudou (M4, março de 2006).

O ambiente como razão social requer a coletivização solidária em prol de sua sustentabilidade. O saber cuidar do ambiente, para além das mulheres que participam do projeto, apresentam diferentes níveis, desde aqueles que ignoram a problemática ambiental demonstrando total falta de preocupação, até aqueles que não só em níveis de percepção, mas também de atuação inscrevem-se num grau maior de consciência. Ainda que este grau não se configure naquilo que Lefebvre (1979) denominou de “práxis criadora”, não pode ser vista apenas como uma práxis mimética, que de acordo com Heller (1989), configura-se numa atuação cujo comportamento é orientado por analogia de acordo com determinados modelos, ou seja, agem mais por imitação do que por compreensão propriamente dos processos.

Há um desafio em curso, promover incentivo ao desenvolvimento da responsabilidade individual como condição necessária ao agir coletivo. Dessa maneira, abre-se um debate “pela democratização do conhecimento e do direito ao conhecimento, que permite uma participação informada da sociedade” (LEFF, 2001, p. 179) sobre os efeitos da racionalidade econômica sobre a qualidade do ambiente.

Mudanças na maneira de cuidar do ambiente

Ao buscarmos nas representações das mulheres elementos que indiquem mudanças no saber cuidar (do ambiente), estamos em busca de sinais de construção de outras sensibilidades civilizatórias, enquanto novas maneiras de perceber e/ou enfrentar situações associadas à qualidade do ambiente, ainda que na escala local. A percepção acerca do ambiente dotada de uma compreensão mais ampla da necessidade de uma outra racionalidade ambiental pode orientar a construção de um modelo de desenvolvimento alternativo àquele cuja razão tem sido o uso intensivo e extensivo dos recursos da natureza.

As novas maneiras de perceber e/ou enfrentar situações associadas à qualidade do ambiente, qualificadas pelo senso comum como “mudanças no saber cuidar do ambiente”, e que Harvey (1996) designa por “mudanças ambientais”, incluindo um conjunto contraditório de processos ecológicos e sóciopolíticos, em suas dimensões discursivas e prático-materiais, por meio dos quais as sociedades, grupos sociais transformam dialeticamente suas relações sociais e seus espaços biofísicos.

Essa formulação indica que “meio ambiente é uma categoria socialmente construída por esquemas culturais que fundam as percepções do mundo e as possibilidades de apropriação e uso dos recursos territorializados. Portanto, não está reduzido a uma simples dimensão físico-biótica” (SILVA, 2002, p. 10).

É no contexto dessa perspectiva que consideramos que o saber cuidar do ambiente, por estar inscrito em processos político-culturais das práticas cotidianas das mulheres, carrega em si um potencial de contribuição para uma nova cultura, ao incorporar possibilidades de superação da percepção dicotomizada entre ser humano e natureza, cultura e ambiente.

A participação das mulheres nas “quartas saudáveis” desperta-lhes o interesse social e político para a preservação do ambiente, e aponta para processos de mudanças na (res)significação de suas relações com seus diferentes ambientes.

Questionadas sobre as mudanças que ocorreram “na maneira de cuidar do meio ambiente”, elas não só confirmaram a sua ocorrência como indicaram situações e/ou práticas de sua objetivação. As mudanças que foram indicadas estão relacionadas com os processos de estruturação de seus espaços individuais ou coletivos, na maneira de acondicionar o lixo, na preocupação em não jogar o lixo no chão, de manter seus quintais limpos, de tratar bem dos alimentos, na censura de atitudes nefastas que ignora qualquer preocupação com a qualidade do ambiente.

Não jogamos mais lixo na rua. Lá [referindo-se a comunidade] tinha um cantinho que a gente jogava o lixo, eu e a minha outra vizinha. Eu mesma falei, aprendendo aqui no ISSAR não devemos jogar lixo na rua, porque lá vem os ratinhos, passam pra minha casa, passam pra casa da vizinha e de lá nós pegamos uma doença (...). Olha eu já falei: ‘não vamos jogar lixo na rua, o gari passa’. (...) Pra mim a mudança foi no lixo. Cortamos jogar o lixo na rua. Porque eu aprendi, me conscientizei que não devemos. Porque a gente no fundo já sabia né que não é bom, mas aí devido às palestras, muitas explicações, aí a gente vai como diz os jovens ‘se liga’ (conscientiza). É, eu me liguei, me toquei (M2, março de 2006).

Esse interesse das mulheres pelas questões ambientais também manifestam-se em algumas práticas interventivas e /ou participativas em prol da defesa de valores e interesses do acesso e usufruto de um ambiente coletivo mais saudável. Mesmo não sendo possível afirmar que existe um processo de mobilização local (das mulheres) em torno das questões ambientais, há de fato interesse das mulheres quererem conhecer mais acerca de como cuidar melhor do ambiente.

Eu quero saber mais. Eu já te me inscrevi no curso da Petrobrás. Que vai ter dia 29 pro pessoal da comunidade sobre o meio ambiente. Aí eu espero saber tudo lá na hora. Saber quando tiver alguma devastação, né tiver esse negócio de óleo [referência a questão do derramamento de óleo], porque essas indústrias que estão aí na frente do rio, elas jogam óleo, aí a gente vê, a gente que mora perto vê quando o barco passa de óleo, que eles vão jogar óleo lá fora. A gente vê, a gente denuncia, mas eles não vêm. Quer dizer

aqueles que estão do lado deles não vinham, porque aqui eles ganham dinheiro (...) (M8, março de 2006).

Mesmo porque ainda existe um distanciamento da população em geral em relação aos problemas ambientais, e, particularmente, na esfera local, a existência de grupos sociais com pouca capacidade reivindicativa e/ou interventiva. Mas, atitudes de algumas mulheres que freqüentam o ISSAR, podem se constituir em sementes a germinar processos de consciência e práticas associativas em relação às condições do ambiente necessárias a um modo de vida mais saudável.

Tem que ter a participação da comunidade para preservar porque não adianta uns querer a preservação e outros vêm e destroem (M10, mar. 2006).

Olha eu acho que uma andorinha só não faz verão né. Se eu for mudar, quiser mudar né. Acho que só eu querendo mudar ... Acho que todo mundo tem que querer, todo mundo tem que querer fazer também. Todo mundo tem que ajudar um ao outro para manter o ambiente limpo. Porque eu tiro aqui em casa que só eu trabalho, só eu limpando, só eu lavando e ninguém me ajudando, cansa. Cansa mesmo (M15, mar. De 2006).

Estes depoimentos indicam a compreensão de que ações isoladas ou promovidas de forma pontual de *per si* não serão suficientes para uma mobilização em prol de mudanças ambientais. Os processos de degradação e de deteriorização do ambiente demandam mudanças não apenas de atitudes e comportamentos, mas de consciência de que há em curso um processo de destruição da base material que sustenta as sociedade e de direitos em face de um ambiente saudável. Portanto, a questão ambiental está situada em uma esfera mais complexa, para além de comportamentos simplesmente localizados e requer participação nos processos de decisões que envolvam equidade e justiça social.

Eu, assim, eu procuro ver assim, quando ta alguma coisa errada, né ... quando eu vejo que a coisa ta, ta alguma poluição , alguma coisa assim, a gente denuncia, liga pro 'barra' [Programa de Tv de natureza denunciativa], mas nunca vem. Aí a gente liga para outra pessoa, mas a gente sempre procura fazer. Já invadiram um lugar aqui e já cortaram tanta árvore, tanta da coisa, mas a gente procura, mas às vezes a própria comunidade não se une, né. A comunidade não se une pra gente ver uma coisa como é que vai chegar, né?! (M8, março de 2006)

Nesse contexto, o ambiente configura-se como um campo de lutas por meio do qual indivíduos disputam interesses e preocupações.

CONCLUSÃO

O modo como as mulheres cuidam e mantêm suas casas, são elementos marcantes e estruturais às representações que constroem acerca da saúde, pois, em geral, respondem a outros princípios da cultura de grupos de mulheres que se voltam para o lar, dando respostas às demandas de uma sociedade tradicional, na qual, em grande parte, a responsabilidade pelo cuidar da casa ainda é delas, e muitas incorporam essa responsabilidade e fazem disso um modo de vida, construindo uma representação de si como uma dona de casa zelosa pelo bem estar da família.

Nessa perspectiva faz parte da ideologia das mulheres sobre o “cuidar da casa”, a representação de que o desconforto, a sujeira, a falta de luminosidade podem tornar os ambientes insalubres, e que as doenças podem ser minimizadas ou modificadas pela limpeza da casa, algumas estendem essa compreensão também ao quintal.

Dada a natureza do trabalho de “cuidar da casa”, o fazer a limpeza configura-se como uma forma de contribuição ao processo de saúde da família num contexto historicamente significado, esse “cuidar” torna-se então uma prática social. Por meio dessa prática as mulheres podem estar contribuindo para o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores em seus familiares, que lhes possibilitem permanentemente construir seus saberes e também seus fazeres em relação ao meio ambiente de forma mais ampla.

Culturalmente, a partir da sua participação no projeto “quarta saudáveis” um grupo de mulheres da Ilha de Caratateua formulam elaborações simbólicas ou prático-materiais que orientam o saber cuidar (da casa e do ambiente), a percepção dos riscos ou ameaças a que estão expostos as famílias e os moradores das ilhas com a degradação da qualidade do ambiente e que atitudes e/ou mudanças promover na relação indivíduo-ambiente e/ou sociedade natureza.

A identificação de uma rede de sociabilidades entre contexto locais e a cidade a partir do estudo realizado com um grupo de mulheres, possibilita pensar a cidade globalmente, ao mesmo tempo dar conta de individualismo emblemático que estão na fronteira de seus territórios, de sua heterogeneidade social, racial e cultural.

Portanto, a prática e a representação territorial do grupo, além de dar sustentação a um diálogo entre o prático e o significativo, possibilita problematizar a suposta homogeneidade e harmonia atribuída a sociedade de pequena escala e reafirmar as possibilidades de mudança da cena social tendo a cultura como mediadora das relações e processos.

Referências

- ACSELRAD, Henri. **Meio Ambiente e Democracia**. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.
- DIEGUES, Antonio C.(org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**.São Paulo: HUCITEC; NUPAUB-USP, 2000.
- DELORS, Jacques. Educar para o futuro. **Correio da UNESCO.**, jun.1996, v.24, n. 6, p.6-11.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. Trad. Sandra Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. **Sociologia de Marx**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.
- MORIN, Edgar. Saberes globais e saberes locais: o olhar interdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- PAIS, José Machado. **Sociologia da vida quotidiana: teorias, métodos e estudos de caso**. Lisboa: ICS/UL, 2002.
- PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.
- SIMONIAN, Ligia T.L. (Org.). **Gestão em ilha de muitos recursos, história e habitantes: experiência na Trambioca (Barcarena, PA)**. Belém: NAEA/UFPA, 2004.
- SILVA, Maria das Graças da. **Discurso educativo e apropriação do meio ambiente na área de um grande projeto de investimento: o caso da UHE Tucuruí/PA**. 2002. 184 f.Tese (Doutoramento em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.
- SILVA, Maria das Graças da; CABRAL, Maria da Conceição R. Educação Ambiental: abordagens teórico-conceitual e perspectivas práticas. **Série Cadernos de Alfabetização Científica/Projeto Alfaciência**. v 1, Belém: MPEG, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Porto: Edições Afrontamento, 2004.
- _____. **A gramática do tempo**. Para uma nova cultura política. São Paulo:Cortez, 2006.
- TEIXEIRA, Elizabeth; CORRÊA, Ivone M. Xavier de A.Pelo indivíduo e pelo ambiente (PIPA II): travessia de saberes sobre o cuidar cotidiano do ambiente entre educandos, educadores e moradores ribeirinhos do estuário amazônico, Belém, Pará. In ARAUJO, Ronaldo M. de Lima (Org.) **Pesquisa em Educação no Pará**. Belém:Edufpa, 2003.
- TRISTÃO, Martha. **Educação ambiental na formação de professores: rede de saberes**. São Paulo: Annablume; Vitória: Facit, 2004.

